

*Paidéia, retórica e uma nova abordagem
sobre Contra Juliano de Gregório Nazianzeno¹*

MARGARIDA MARIA DE CARVALHO

Gregório Nazianzeno (329-390 d.C) foi um autor cristão do Império Romano Oriental do século IV d.C. Dentre vários discursos, escreveu *Contra Juliano* (364-365 d.C), composto por duas inventivas riquíssimas em conteúdo histórico-filosófico e um grande exemplo de retórica cristã empregada contra um Imperador. Durante muitos anos, este panegírico repulsivo à figura do Príncipe Juliano foi inserido na polêmica cristianismo x paganismo. Ampliando essa perspectiva e criticando tal limite de idéia, pretendemos demonstrar que o conflito se insere numa disputa político-cultural. Para tanto, temos como objetivos primordiais desconstruir o discurso *Contra Juliano*, analisando e elucidando seus elementos retóricos. Acreditamos, dessa forma, que ao desvelarmos sua construção retórica, estaremos nos aproximando de uma nova realidade histórica sobre o Baixo Império Romano, pois a prática lingüística pode ser um instrumento ativo de poder em vez de refletir simplesmente a realidade social e política.

Gregório Nazianzeno; Imperador Juliano; *Contra Juliano*.

Gregory of Nazianzus (329-390 A.D.) was a Christian author from the Eastern Roman Empire during the fourth century A.D. Among many speeches, he wrote *Against Julian* (364-365 A.D.), which is composed of two rich inventives in historical Philosophical content, and a major example of Christian rhetoric against an emperor. For many years this repulsive panegyric about the figure of the emperor Julian was insert in the Christianity versus paganism polemic. Amplifying this perspective and, at the same criticizing the limit of this idea, I intend to expose the fact that the conflict is insert in a political and cultural disputation. In order to reach this aim, I would like to deconstruct the speech *Against*

Julian, analyzing it and illustrating its rhetorical elements. I believe that it would reveal its rhetorical construction and uncover a new historical reality about the Late Roman Empire. Once that the linguistic practice can be an active instrument of power instead of simply reflect the political and social reality.

Gregory of Nazianzus; Emperor Julian; Against Julian.

GREGÓRIO NAZIANZENO (329-390 D.C) foi um filósofo cristão e monge que chegou a ser Bispo de Nazianzo (374 d.C) e de Constantinopla (381 d.C). Possuía uma formação cultural bastante ampla, tendo se educado nos padrões da tradição clássica e, também, da cristã. É o que podemos perceber quando nos deparamos com a leitura e análise de *Contra Juliano*.

O *Contra Juliano* (364-365 d.C) é composto por dois discursos riquíssimos em conteúdo histórico-filosófico e configura-se como um grande exemplo de retórica cristã empregada em oposição a um Imperador.

A fonte em questão, segundo Jean Bernardi², foi vista, durante muito tempo, como uma resposta aos panegíricos laudatórios de Libânio³ – sofista neoplatônico (314-393 d.C) - dedicados à pessoa do Imperador Juliano. Essa posição foi contestada e, mais tarde, passa-se a considerar que as duas obras desses dois filósofos estavam inseridas na polêmica mais geral entre cristianismo e paganismo, contenda cuja importância tem sido reforçada por vários autores contemporâneos que escreveram sobre o século IV d. C.⁴. Em nossa opinião, esta interpretação restringe a ação discursiva do *Contra Juliano* ao nível puramente religioso. Pelo contrário, percebemos que os discursos referentes ao Imperador, contra (repulsivos) ou a favor (laudatórios), mostram-se dotados de uma base político-cultural bastante ampla. São verdadeiros arrazoados políticos, porque se referem às ações governamentais, às atitudes políticas, filosóficas e religiosas de um Imperador; são também culturais, porque entendemos que cultura, no sentido *strictu senso* do termo, significa um sistema de atitudes, modos de pensar e de agir de acordo com costumes e instituições, valores espirituais e materiais de uma dada sociedade. Portanto, os discursos não só desses dois autores, mas de todos os outros, sejam cristãos ou pagãos, revelam, ao nosso ver, o ambiente político-cultural do século IV d. C, não restringindo sua ação à referida polêmica cristianismo x paganismo.

Podemos explanar algumas posições de determinados autores especialistas em antigüidade tardia que fortalecem nosso argumento. A historiadora Polymnia

Athanassiadi (1992:28) relata que no século IV d.C existia, entre o cristianismo e o paganismo, um extensivo *no men's land* em que os intelectuais poderiam ser pegos de surpresa caindo nas armadilhas da indefinição. Assim, nos reporta a alguns exemplos: Hecébólio, figura contraditória em sua relação com o Imperador Juliano; Pegásio que teria sido um bispo cristão em Ilion sob o governo de Constâncio II e depois um partícipe do clero pagão do Príncipe Juliano; Sinésio e sua polêmica e tardia conversão ao cristianismo e que, mais tarde, teria sido bispo de Cirene; e o filósofo Temístio, o mais interessante personagem citado, que foi o panegirista oficial de todos os imperadores compreendidos entre Constâncio II e Teodósio. Afora estes, Polymnia cita a controversa figura de Palladas, o último poeta pagão grego do século IV. Todos esses personagens são exemplos de figuras complexas e poderosas na máquina governamental do século IV d.C, que se posicionaram entre o cristianismo e o paganismo adotando pensamentos de ambas as filosofias. Frequentemente, as alianças entre os intelectuais dessa época eram feitas de acordo com suas conveniências político-sociais. Qualquer personagem histórico que não tivesse senso diplomático estava fadado ao insucesso.

Outro autor que nos remete a tal ponto de vista é Javier Arce (1976). Em seu artigo, o historiador enumera uma lista de funcionários que exerceram cargos no governo do Imperador Juliano: são arrolados funcionários pagãos, funcionários que abandonaram o cristianismo, tornando-se apóstatas como o próprio Imperador e, o mais curioso, a permanência de funcionários cristãos em cargos de destaque.

Tais exemplos, os citados por Athanassiadi e Arce, levam-nos a questionar o valor e a veracidade da polêmica cristianismo x paganismo. Além disso, temos outras evidências que nos remetem a questões mais amplas do que esse simples jogo binário de oposição. Trata-se da íntima relação do âmbito político com o religioso tão bem demonstrada por Gilvan Ventura da Silva (2000) ao se referir à perseguição do Imperador Constâncio, na época de seu governo, aos adivinhos e feiticeiros. Segundo o autor, “ao deflagrar a sua cruzada contra adivinhos e feiticeiros, equiparando suas ações a crimes de lesa-majestade, Constâncio II declarava, sem subterfúgios, o vínculo existente, no Baixo Império, entre política e religião. Em um mundo que assiste à difusão da idéia de que determinados indivíduos são intérpretes especiais dos desígnios sobrenaturais, o exercício de saberes esotéricos representava um tipo específico e privilegiado de *poder* que não se pode manter exterior ao controle de um Estado cuja estabilidade repousava, acima de tudo, na religião, justificando-se, assim, a preocupação

imperial em regular as manifestações religiosas que julgava compatíveis com a sua concepção de legitimidade sagrada e extirpar aquelas que constituíssem uma ameaça direta à ordem estabelecida” (SILVA 2000:32-33).

Nessa linha de raciocínio, afirmamos que Gregório de Nazianzo, ao redigir seu *Contra Juliano*, sabia que estava, sobretudo, fazendo uma acusação não só religiosa, mas concomitantemente política. Gregório escreveu seus discursos tendo como regra básica as diretrizes do manual de retórica de Hermógenes, o qual, já na primeira página de seu tratado, expõe que sua preocupação principal é tratar da divisão de *questões políticas* mais conhecidas, em sua concepção, como *pontos culminantes* (HERMÓGENES, *Sobre os Resultados*, 10-15). É uma clara evidência de que o homem romano do século IV d.C não separava a questão política da religiosa.

E, finalmente, em conformidade com autores tardo antiqüistas, como Averil Cameron (1991:19), consideramos que pesquisar temas relacionados à religião é trabalhar com História Cultural e, se o aspecto religioso está associado ao político, logo o contexto do século IV d.C deve ser considerado como político-cultural, no qual houve lugar para uma proliferação de discursos que denotaram conflitos político-culturais. Logo, os discursos de Gregório Nazianzeno revelam o ambiente político-cultural do século IV, expressando a época de Juliano-César a Juliano-Imperador (355 d.C-363 d.C).

A questão anunciada leva-nos a observar que ao se referir às ações políticas, filosóficas e religiosas do Príncipe Juliano, Gregório Nazianzeno estava se remetendo à noção de *Paidéia* presente no período assinalado. *Paidéia* significa a educação obtida por cidadãos romanos que seriam preparados para ocupar altos cargos político-administrativos na esfera governamental do Império Romano. Melhor dizendo, *Paidéia* é um conjunto de ações pedagógicas, políticas, filosóficas e religiosas (considerado por nós como um conjunto político-cultural) que aprimora o discurso persuasivo (retórico, ou arte da persuasão) daqueles que necessitam demonstrar e impor o seu poder.

Nosso autor reflete em seus discursos sua própria concepção sobre *Paidéia* (ou sua própria educação) e acirra suas críticas acerca de *Paidéia* em Juliano (ou sobre a educação de Juliano). Criticando arduamente *Paidéia* em Juliano, o autor reverbera a afirmação do discurso cristão ocorrida no período do século IV d.C. Essa afirmação está intimamente associada à *Retórica* utilizada por Gregório.

Assim, ao tratarmos de *retórica*, não resumimos o conflito a um simples jogo de oposições e, sim, vemos que as formas retóricas pagãs ou clássicas e cristãs possuem até vários pontos em comum. A influência da formação retórica

clássica se faz presente na cristã. É o que podemos verificar se tratarmos da estrutura retórica dos discursos *Contra Juliano*. A retórica é a arte da persuasão, está associada à *Paidéia* e, no caso de Gregório, à forma como ele, por meio do discurso, construiu a imagem do Imperador Juliano.

Essa construção elaborada por Gregório revela não só uma disputa entre intelectuais (Gregório x Juliano), como também um julgamento severo do autor cristão sobre o conjunto de atitudes do Imperador.

Como já nos referimos, verificamos ser possível interpretar a retórica de Nazianzeno em torno da *Paidéia* em/de Juliano utilizando o manual de retórica de Hermógenes, pois foi se aproveitando da técnica de Hermógenes que Gregório elaborou seus panegíricos repulsivos à figura do Imperador.

A análise retórica pode nos levar à conclusão de que a elaboração de um texto é de suma importância no conhecimento histórico e na afirmação do poder político na sociedade romana do século IV d.C.

A elaboração de *Contra Juliano* cumpriu um propósito político que deve ser desvelado pela análise retórica desses discursos.

Verifiquemos como, até agora, a historiografia tratou dos temas *Paidéia* e *Retórica*.

a) A *Paidéia*

De acordo com Glanville Downey (1957:48-50), desde os tempos de Platão, alguns políticos têm estado bastante conscientes do papel da educação (*Paidéia*) na preparação dos homens para com seus deveres com o Estado, assim como para com a vida privada. Era sabido na Antigüidade Greco-Romana que os problemas educacionais poderiam afetar as bases do bom andamento do governo.

Algumas obras, hoje consideradas clássicas, foram escritas sobre o tema. O tratamento desse objeto nos tempos gregos foi dissertado por Werner Jaeger em *Paidéia*⁵; outro trabalho importante e de necessária leitura para uma primeira compreensão sobre o tema é o clássico *Histoire de l'Education dans l'Antiquité*⁶ de Henri Marrou, em que o autor se preocupa primordialmente com os aspectos pedagógicos da *Paidéia*. Especialmente para o período com o qual estamos lidando (século IV d.C), citamos *Christianity and Classical Culture* de C. N. Cochrane (1944) e o trabalho de Laistner, *Christianity and Pagan Culture in the Later Roman Empire* (1978). Cochrane se preocupa em levantar questões do tipo: como a tradição da educação clássica afetou o cristianismo depois de ter sido emancipado e favorecido pelo Estado e como o desenvolvimento de um Estado cristão pode ter sido influenciado por esses fatores⁷? Já Laistner oferece uma perspectiva da teoria e da prática da educação pagã e cristã,

principalmente desta última no século IV d.C, em três capítulos. Além disso, oferece uma tradução do tratado de João Crisóstomo sobre a educação de crianças cristãs⁸ (século IV d.C).

Por último, destacamos uma das mais recentes obras de Peter Brown (1992), em que o pesquisador articula a *Paidéia* à idéia de poder e persuasão, concedendo a vitória aos cristãos em relação aos pagãos na elaboração de um discurso persuasivo de imposição do poder⁹.

Além destas obras, destacamos a valiosa contribuição de Glanville Downey, sobre o tema, em seus artigos *Education and Public Problems as seen by Themistius* (1955a), *Philantropia in Religion and Statecraft in the fourth century after Christ* (1955b) e *Education in the Christian Roman Empire: Christian and Pagan theories under Constantine and his Successors* (1957). Downey, nos dois primeiros artigos aos quais nos referimos, explicita de maneira clara e objetiva a importância e influência do filósofo pagão Temístio na corte imperial do século IV d.C, fundamentalmente, a partir de Constâncio (337-361). Ressalta que Temístio delimita muito bem no século IV d.C, o papel do filósofo na construção da *Paidéia*. Temístio teria acesso tanto a imperadores cristãos quanto a pagãos. É o único filósofo do século IV que elabora um tratado sobre a *Paidéia*, incluindo a importância da persuasão neste processo.

Glanville Downey, ao contrário dos outros autores citados¹⁰, constrói sua argumentação utilizando-se de vários trechos dos tratados filosóficos do próprio Temístio (ou seja, ele dialoga com as fontes de Temístio). Em seu último artigo, por nós mencionado, Downey tenta analisar a relação da educação cristã com a pagã na Roma Oriental da primeira metade do século IV d.C. Sua análise torna-se bastante produtiva pois tenta ver, do ponto de vista da educação, alguns dos efeitos do triunfo do cristianismo nos estadistas e estudiosos da época, os quais tiveram uma educação clássica no próprio Estado que foi construído e administrado por homens com esse tipo de instrução. Assim analisa o problema para os cristãos Constantino, Lactâncio e Eusébio (p. 490) e para o pagão Temístio (p. 55).

b) A Retórica

No tocante à *Retórica* no século IV d.C, registramos que pouco se tem escrito sobre o assunto, em especial, sobre a retórica grega tardia (onde tem lugar a retórica cristã de Gregório Nazianzeno).

Em geral, o que se percebe é um descaso com o tema na historiografia do Baixo Império. O quadro vem se alterando, talvez pelo fato de que o tema da retórica vem tomando um espaço bastante expressivo entre historiadores,

filósofos e críticos literários nos dias atuais. A análise da construção do discurso, o conhecimento sobre a técnica de como é elaborada e a compreensão dos elementos internos ao texto que edificam a retórica, ou seja, a arte da persuasão, devem nos levar a uma melhor apreensão dos momentos políticos e culturais de uma dada sociedade. Portanto, ao escolhermos considerar a retórica cristã de Gregório Nazianzeno como uma retórica contra um governante, estamos conscientes de estar reagindo de acordo com as preocupações metodológicas do final do século XX e do início do século XXI.

O mundo clássico já considerava como decisivo o discurso ideológico e eloqüente. As orações de Sócrates noticiadas por Platão, os discursos do próprio Platão e o tratado de Aristóteles denominado *Arte Retórica* delimitavam de forma relevante a importância do orador nos discursos políticos inseridos no espaço cívico da *polis*.

Autores romanos como Cícero e Quintiliano, no período republicano e no início da fase imperial, baseavam seus estudos e aprimoravam suas técnicas persuasivas aproveitando o material retórico-filosófico grego e, assim, a herança desse discurso foi passada para outras gerações, sendo sempre admirada e adaptada a novos contextos históricos. Desenvolve-se, também no período imperial de Roma, a retórica cristã. É mister comentarmos que quando nos dirigimos ao item *discurso*, estamos, é claro, interessados na expressão de idéias e o cristianismo não foi somente um ritual, pois colocava um valor extraordinário na formulação verbal. A fala constituía uma de suas metáforas básicas e se baseava, integralmente, na redação e desenvolvimento de textos. Tal ênfase na formulação verbal da fé levou a uma tentativa bem sucedida de imposição da autoridade do discurso. Após muitas disputas, com diferentes variações, este discurso tornou-se o dominante no Estado, pois sua retórica, desde o início do cristianismo, não era uma retórica técnica propriamente dita, mas se baseava na palavra, no sentido mais amplo, denotando a maneira e as circunstâncias que promoveram a persuasão. Conseqüentemente, sua recepção foi mais fácil e mais abrangente, o que propiciou a valorização de um novo tipo de discurso; sua coesão culminaria em uma futura predominância. É interessante observar também que, além desses fatores, muitos cristãos, no século IV, estudaram e aprimoraram, junto com pagãos, a arte da retórica; prepararam-se em escolas filosóficas famosas, como a Escola de Atenas, instrumentalizando-se mais ainda no aperfeiçoamento de seu discurso. Foi o caso de nosso autor Gregório de Nazianzo.

Assim, tanto na retórica clássica como na cristã, coube ao orador, aquele que transmitia o discurso, a responsabilidade de defender a si próprio, sua

família, sua propriedade e, principalmente, suas idéias políticas; enfim, ser o porta-voz dos interesses do grupo social a que pertencia.

A evidência mais forte do papel fundamental da retórica e de seu estudo formal é identificada na atuação dos sofistas – os mestres da retórica – em diversas cidades gregas do século V a.C, e no contínuo surgimento de escolas durante o Império até o séc. V d.C. Da época de Antonino Pio até Justiniano, todos os municípios do Império Romano foram encorajados a erguerem tais escolas de retórica com fundos públicos, assim como os mestres eram isentos do pagamento de impostos às suas respectivas cúrias.

O fato citado inicia uma contradição muito séria. Talvez influenciados por uma visão que imperou nos séculos XVIII e XIX, quando certos intelectuais iluministas e positivistas minimizaram o valor da retórica, alguns autores da historiografia romana de parte do século XX possuíam uma visão pejorativa da *Retórica* do século IV. Clarke (1971), na obra *Rhetoric at Rome: A Historical Survey*¹¹ sugere que este temível engano foi também proveniente de um determinado número de escritos de retóricos que chegou aos nossos dias, inseridos numa coletânea chamada *Retóricos Latinos Menores*. Pena que esse material não tenha chamado muito a atenção dos historiadores. Segundo o próprio Clarke, o material nos leva a evidências do ensino da retórica e da elaboração de um pensamento político-filosófico bastante coerente. Para o autor, apesar de esses “retóricos menores” não demonstrarem grande originalidade, expressavam uma preocupação com a técnica argumentativa e com a função do orador. Tal coletânea deve ser incluída num parâmetro de desenvolvimento da retórica muito maior e não indicar um resumo do que foi esta retórica.

A retórica tardia, como já aludimos, floresceu largamente em todo o Império. Não podemos nos esquecer da retórica grega tardia que baseava seus apontamentos nos manuais, sempre ressaltados, de Hermógenes e Hermágoras, utilizados largamente nas escolas sofisticas do Império. Não nos esqueçamos que Gregório Nazianzeno, que possuía formação clássica e cristã, utilizava também o manual de Hermógenes para a construção de seus textos.

Os retóricos e professores de gramática possuíam um papel chave na sociedade tardia. Ensinavam retórica como uma arte da linguagem e eles mesmos se consideravam primordiais na preparação daqueles que ocupariam os tribunais legislativos, os altos cargos administrativos e, principalmente, os que tinham chances de chegar ao cargo de Imperador. Além dessas funções, seus escritos, discursos e manuais retratam mudanças políticas (incluímos aqui discussões de caráter filosófico-religiosas), e, por que não, culturais, que alteraram as condições dos rumos públicos do Baixo Império.

Estes referidos retóricos diziam, como os da época clássica, que a retórica inseria em sua lógica discussões judiciais, deliberativas e epidêuticas, sendo que estas últimas eram mais conhecidas, na época da Roma Tardia, como panegíricos. Os panegíricos são, na verdade, um julgamento das ações passadas, futuras e presentes. Tais ações são referenciadas nos panegíricos que louvavam ou criticavam as ações dos imperadores no século IV d.C.

Temos, como exemplo, os discursos *Contra Juliano*, de Gregório Nazianzeno, que rechaçam, violentamente, as ações do Imperador Juliano e os laudatórios *Orações a Juliano*, de Libânio. O primeiro é nossa fonte de estudo e está inserido dentro da pauta retórica do século IV d.C, quando a retórica deveria girar em torno da aceitação, ou não, da figura de um Imperador. Trata-se da elaboração de uma teoria política que justifica a monarquia e que está documentada nos panegíricos.

Como podemos observar, existe um filão riquíssimo sobre o tema a ser explorado. A bibliografia do Baixo Império é muito pouco expressiva no tocante à análise do discurso persuasivo em sua estrutura. Citamos a obra de George A. Kennedy (1983), na qual o autor se preocupa em fazer um relato sobre as características da retórica dos sofistas e retóricos cristãos da época e das principais escolas do oriente. Também se menciona a excelente análise de Averil Cameron (1991), em que se configura um estudo minucioso sobre o desenvolvimento do discurso cristão e de como este alcançou sua plenitude de ação no século IV d. C.

O que podemos concluir é que sentimos falta de uma bibliografia que articule *Paidéia à Retórica*, e relacione a esse binômio, *Paidéia-Retórica*, a ação discursiva de cristãos (em nosso caso, Gregório Nazianzeno) e pagãos (Juliano) no século IV d.C. Existe, portanto, uma total fragmentação sobre o tema. Ou há obras somente sobre *Paidéia* ou sobre *Retórica*, ou pouquíssimos trabalhos sobre a relação Gregório-Juliano.

Nossa proposta é, assim, inovadora: analisar o binômio *Paidéia-Retórica* articulado à ação crítica discursiva de Gregório contra Juliano.

Desse modo, torna-se fundamental conceituar *Paidéia*, *Retórica* e configurar o conflito entre filósofos no século IV, tendo como força motriz o que a crítica interna do discurso interpretado pode nos apontar.

Para trabalharmos com crítica interna, é necessário apoiarmo-nos, metodologicamente, nas bases da História Cultural. Em primeiro lugar, como já comentado anteriormente, sugerimos, primeiramente, fazer uma leitura acurada de nossas fontes textuais e, depois, associar o binômio *Paidéia-Retórica* à elaboração político-cultural da época.

Tal elaboração é feita e pode ser sentida, em nosso entender, através da confecção dos discursos que são os agentes responsáveis pelas transformações em vigor. Queremos dizer com isso que a análise e interpretação dos discursos mostram-se relevantes, pois são eles que movimentam a própria concepção de História. Partindo dessa premissa e acreditando sempre que podemos contribuir com o enriquecimento da interpretação histórica, achamos que as análises lingüística e semântica dos discursos podem nos conduzir a uma determinada concepção sobre como mascarar ou não uma determinada situação político-cultural, ou seja, à forma como ela é construída, percebida e passada à posteridade. Não há dúvidas de que devemos nos referir também aos grupos sociais que formam esses discursos. No caso, identificamos Gregório de Nazianzo e Juliano como provenientes de uma mesma elite cultural que revela a maneira como está apreendendo e se referindo à transformação político-cultural.

Concordamos com Roger Chartier (1990) quando afirma que “As percepções sociais (do social) não são formas neutras de discurso. Os discursos produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por eles monopolizados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar para os próprios indivíduos as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1990:17).

Assim sendo, os documentos que descrevem as ações simbólicas do passado não são textos inocentes e transparentes. Foram escritos por autores com diferentes intenções e estratégias e nós devemos criar outras estratégias para lê-los, como aponta Hunt (1995:18). Dessa maneira, faz-se importante, em nossa situação, perceber como o texto de Gregório Nazianzeno sobre o Imperador Juliano foi concebido, principalmente como crítica da *Paidéia* em Juliano. Igualmente, torna-se interessante captar por que público os discursos *Contra Juliano* são ouvidos e como são percebidos. Talvez uma primeira forma de identificarmos a recepção dos discursos seja verificar os possíveis comentários existentes nas correspondências efetuadas entre Gregório e seus contemporâneos.

A análise literária entra em vigor quando nos preocupamos com a recepção ou leitura dos textos, sua produção ou escrita, o papel da diferença e as maneiras pelas quais os textos funcionam no sentido de subverter suas aparentes finalidades; é como identificar o seu sentido alegórico. Estamos dizendo, portanto, que interpretando o uso metafórico do vocabulário lingüístico de nosso autor (Gregório) compreenderemos suas formas simbólicas de expressar seus pensamentos político-culturais sobre *Paidéia* em Juliano. Quebraremos, assim, o senso comum corrente na historiografia do Baixo Império sobre o

conflito paganismo x cristianismo. Existem outros motivos independentes do fator religioso que fazem com que Gregório seja contra as práticas julianinas.

Acreditamos que o uso da linguagem como metáfora ou modelo já deu provas de ser, inegavelmente, significativo e crítico para a formulação de uma abordagem cultural da história. Em suma, a analogia lingüística estabelece uma representação como um problema que não devemos mais evitar.

É preciso demonstrar, com base nos estudos de historiadores da cultura, como a linguagem política de Gregório Nazianzeno pôde ser usada sobre o Príncipe Juliano, tornando possível a unidade ou a diferença.

A questão preponderante de nossa tentativa é de que modo a prática lingüística pode ser um instrumento ativo de poder em vez de simplesmente refletir a realidade social e política; ela é instrumento de transformação da realidade social. Daí comentarmos que os discursos são os agentes transformadores da História. É para captarmos o significado dessa linguagem metafórica e a construção das palavras utilizadas nos discursos, que nos remetemos ao sistema de educação ou construção da Paidéia no século IV d. C.

Portanto, os discursos de Gregório podem, de acordo com a tipologia demonstrada por Peter Burke (1992(b): 22), ser enquadrados e/ou associados ao conceito de cultura política, pois se trata de textos que demonstram repulsão à figura do Imperador Juliano. A estratégia de análise da linguagem retórica desses discursos nos auxilia, portanto, na identificação do que é cultura política no Baixo Império.

Sendo assim, interpretando *Contra juliano* nos moldes expostos neste trabalho, podemos chegar a uma nova abordagem sobre o tema, inaugurando um novo olhar sobre alguns documentos e, mais precisamente, acerca dos panegíricos de autores romanos do séc. IV d.C.

BIBLIOGRAFIA

1) *Obra completa*

ATHANASSADI, Polymnia. *Julian. An Intellectual Biography*. Routledge: London and New York, 1992.

BROWN, Peter. *Genèse de l'antiquité Sardivè*. Paris: Gallimard, 1984.

_____. *O Fim do Mundo Clássico*. De Marco Aurélio a Maomé. Lisboa: Editorial Verbo, 1972.

_____. *Power and persuasion in Late Antiquity*. Towards a Christian Empire. USA: The University of Wisconsin Press, 1992.

- _____.; RUGGINI, Lellia Craco; MAZZA, Mario. *Governanti e intellettuali*. Popolo di Roma e popolo di Dio. (I-VI secolo). Roma: Grappideli Editore.
- _____. *Authority and the Sacred*. Aspects of Christianisation of the Roman world. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- _____. *The cult of the saints*. USA: SCM Press, 1981.
- BURKE, Peter e PORTER, Roy (org.) *Linguagem, Individuo e Sociedade*. São Paulo: UNESP, 1993.
- _____. *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992a.
- CAMERON, Averil. *Christianity and the rhetoric of Empire*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1991.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Entre Práticas e Representações. Lisboa: Difel, 1990.
- CLARKE, M. L. *Rhetoric at Rome: A Historical Survey*. London and New York, 1996.
- _____. *Higher education in the ancient world*. London: Routledge and Kegan Paul, 1971 / London and New York, 1966.
- GRÉGOIRE NAZIANZE, Saint. *Lettres*. Texte Établi et Traduit par Paul Gally. Paris: Les Belles Lettres, 1964, 2v.
- HERMÓGENES. *On Issues*. Strategies of Argument in Later Greek Rhetoric. Introduction, translation and notes by Malcolm Heath. Oxford: Clarendon Press, 1995.
- HUNT, Lynn (org.). *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- KENNEDY, George. *Greek rhetoric under Christian Emperors*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1983.
- LAISTNER, M. L. W. *Christianity and pagan culture in the Late Roman Empire*. London: Cornell University Press, 1978.
- MARROU, Henri-Irénée. *Décadence Romaine ou Antiquité Tardive ? III-VI siècle*. Paris: Éditions des Teme, 1977.
- _____. *Histoire de l'éducation dans l'antiquité-tome II (Le Monde Romain)*. Paris: Éditions du SEUIL, 1978.
- _____. *L'Église de l'Antiquité tardive 303-604*. Paris: Éditions du Luil, 1985.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. (a cura di). *Il Conflito tra Paganesimo e Cristianesimo nel secolo IV*. Sorino: Giulio Einaudi Editore, 1968.
- _____. *Ensayos de historiografía antigua e moderna*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- SILVA, Gilvan Ventura da. *Reis, Santos e Feiticeiros: Constância II e os Fundamentos Místicos da Basileia (337-361d.C.)*. 2000. 379 p. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

2) Capítulo de obra

- GRÉGOIRE NAZIANZE. *Contre Julien*: Discours 4 e 5. Introduction, texte critique et notes par Jean Bernardi. Paris: Les Éditions du cerf, 1983.

3) Artigos

- ARCE, Javier. Los Cambios en la Administracion Imperial y Provincial con el Emperador Fl. Cl. (362-363) Juliano. *Hant*. Valladolid, vol. 6, p. 208-220, 1976.
- ATHANASSADI, Polymnia. Persecution and Response in Late Paganism: The Evidence of damascius. *JHS*. London, 113, p.1-79, 1993.
- _____. Philosophers and oracles: Shifts of authority in Late Paganism. *Byzantion*, 62, p.45-62, 1992.

BURKE, Peter. A História como Memória Social. In: _____. *O Mundo como Teatro. Estudos de Antropologia Histórica*. Lisboa: Difel, 1992b, p. 235-251.

CHARTIER, Roger. Textos, Impressão, Leituras. In: HUNT, Lynn (org.). *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p.211-238.

DOWNEY, Glanville. Education in the Christian Roman Empire: Christian and Pagan Theories under Constantine and his successors. *Speculum*, 32, nº 1, p.48-61, 1957.

_____. Education and Public Problems as seen by Themistius. *TPRS*, 86, p.291-307, 1955a.

_____. Philanthropia in Religion and Statecraft in the fourth Century after Christ. *Historia*, 4, p.198-208, 1955b.

_____. The Emperor Julian and the Schools. *CJ. Athens*, vol.53, p.97-103, 1957/58.

_____. Themistius and the Defense of Hellenism in the fourth Century. *HTLR*, 50, p.259-274, 1957.

N O T A S

1 O presente artigo foi inspirado na *Introdução* de minha Tese de Doutorado denominada *Paidéia e Retórica no século IV d.C.: a construção da Imagem do Imperador Juliano segundo Gregório Nazianzeno*, apresentada na FFLCH/USP em fevereiro de 2003. Faço valer aqui meus agradecimentos ao meu orientador prof. Dr. Norberto Luiz Guarinello (FFLCH/USP).

2 Jean Bernardi é o tradutor da edição de *Contra Juliano* que utilizamos. Vide nossa bibliografia.

3 LIBANIUS. *The Julianic Orations*. With an English translation, introduction and notes by A. F. Norman. London; William Heinemann L.T.R. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1969 (The Loeb Classical Library).

4 À guisa de exemplo, temos a obra de Arnaldo Momigliano citada em nossa bibliografia.

5 JAEGGER, W.W. *Paidéia*. Oxford, 1939 apud DOWNEY, 1957.

6 MARROU, Henri Irinée. *Histoire de l'Éducation dans l'Antiquité*. Paris: Éditions du Seuil, s.d., 2v.

7 Consideramos a obra de Cochrane um pouco ultrapassada. Por exemplo, não nos referimos ao século IV d.C. como época do Império Cristão. Já demonstramos nas páginas iniciais de nosso artigo, as fronteiras fluidas entre o cristianismo e o paganismo. É bem verdade que há, nessa época, a afirmação do discurso cristão, mas acreditamos que ainda não estava sendo plenamente sentida pelo homem romano do século IV d.C.

8 JOHN CHRISOSTOM. Address on Vainglory and the Right Way for Parents to Bring up their Children. IN: LAISTNER, M.L.W. *Christianity and Pagan Culture in the Later Roman Empire*. London: Cornell University Press, 1978, p. 85-122

9 A obra apresenta questões bastante atuais sobre *Paidéia*.

10 Com exceção de Peter Brown.

11 Cf. bibliografia